

O universo paralelo e obsceno da autonomeada direita no Brasil – uma leitura machadiana em diálogo com a teoria crítica e a psicanálise¹

Mônica G. T.
do Amaral

A título de introdução

Convido-os a penetrar no imaginário de pessoas muito semelhantes ao personagem central do conto de Machado de Assis, *Pai Contra Mãe*, publicado no livro *Relíquias da Casa Velha*, em 1906, portanto, 18 anos após o fim da escravidão. O personagem ao qual me refiro, na falta de outra qualificação, exercia a profissão de “caçador de escravos”.

Somos apanhados logo de início pela descrição da barbárie cometida nos trópicos, ao longo de séculos em todas as Américas e no Brasil, em particular, que de modo empedernido demorou a se render perante a exigência internacional do fim do tráfico (em 1807, a Inglaterra exige o fim do tráfico no Atlântico) e da escravidão, que no Brasil só ocorreu em 1888. E com que ironia Machado de Assis nos faz entrar em contato com uma de suas piores feições – a Máscara de Flandres – que, com o fim do “vício de beber”, embora levasse consigo a “tentação de furtar”, garantia, assim ambigamente, a “sobriedade e a honestidade”.

Evidencia-se, desse modo, à custa de quê nossa chamada civilização ocidental se construiu, que no Brasil – cujas bases escravocratas se viram estendidas indefinidamente (mais de um século do que outras nações) – garantira, da maneira a mais cruel, a máscara de sobriedade e honestidade com que se revestiam os modos, costumes e gestos das classes abastadas.

Pois bem, mas não cuidemos só de máscaras, como diz o autor. É preciso ver que entre os proprietários escravocratas e os sujeitos escravizados, havia, no entremeio, uma massa de agregados, alguns funcionários públicos e outros que ficaram a ver navios, que não tinham profissão, mas queriam manter as aparências de *alguém de bem*. Para tanto, era preciso no mínimo garantir a sobrevivência, nem que para isso precisasse fazer o trabalho sujo. Se analisarmos como o escritor descreve a qualificação para se candidatar a “caçador de escravos”, veremos que se trata de um ofício, que, a despeito de não ser uma atividade considerada nobre, trazia consigo certo status derivado, por colaborar com a manutenção da *ordem, da lei e da propriedade*.

Mônica G. T. do Amaral.
Membro efetivo da SBPSP e
docente do Instituto Durval
Marcondes. É também
Professora Livre-Docente
da Faculdade de Educação
da USP.
monicagta@hotmail.com

¹ Neste artigo retomamos
alguns pontos abordados em
outro artigo e procuramos
reinterpretá-los sob outros
ângulos. Artigo esse que foi
publicado, em coautoria:
Mônica Guimarães Teixeira
do Amaral, Marina Pereira
de Almeida Mello & Maria
da Glória Calado (2024).
Authoritarian personality,
antidemocratic behavior,
and ethnocentrism in Brazil,
*Educational Philosophy and
Theory*, 56:7, 711-723, doi:
10.1080/00131857.2024.
2320197. Disponível em:
<https://doi.org/10.1080/00131857.2024.2320197>. Acesso:
24/07/2024. Uma versão
reduzida deste trabalho foi
apresentada na Mesa-redonda
do 35º Congresso da FEPAL,
sob o título: *O ocaso do sujeito
autônomo e da autorreflexão
as condições de surgimento do
sujeito neoliberal e o fanatismo
político e ideológico*.

Enfim, como para nada servia Candinho, que ao menos pudesse se candidatar a tal ofício. Orgulhoso, recusava-se a servir a todos, queria ser dono de seu próprio rumo. Casou-se e teve um filho, sem, no entanto, ter condições de sustentar a família. E na falta de recursos, já prestes a doar seu filho à roda dos enjeitados, muito comum na época, embora mais utilizado pelos escravizados, eis que avista uma escravizada fujona. Mesmo sabendo-a grávida, não se rendeu às suas súplicas e a levou de volta ao seu cruel dono. Ao vê-lo, de tanto medo, abortou seu filho, ali mesmo diante do senhor e do caçador de escravos. Esse, sem se envolver com a situação, pegou seu \$ como recompensa e saiu correndo para salvar seu próprio filho da condição de enjeitado. E, claro, salvar sua própria pele e assegurar sua posição social, que se encontrava duramente ameaçada.

Machado de Assis termina assim o conto: “*–Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração*”(Assis, 2007, p.475).

Não sem antes comentar a respeito da Tia, que era louca por dinheiro e muito fervorosa no campo religioso: “Tia Mônica, ouvida a explicação [de Candinho], perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil-réis. Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga” (Assis, 2007, p.475).

Com muita ironia conduz uma narrativa que desvela o mundo de apariências daquela sociedade do século XIX, que quer imitar a nobreza europeia, demonstrar-se civilizada, tornando-se outro, cidadãos bem educados, mas à custa da manutenção da barbárie intacta e de seu correlato – a propriedade de terras e de pessoas escravizadas. E claro, como o fez Tia Mônica, condenando veementemente a barbárie do aborto, mesmo que tenha sido fruto do estupro, como nos sugere a narrativa, dado o costume da época.

E hoje deparamo-nos com um caldo de cultura infelizmente muito semelhante, após mais de um século, embora não mais necessite da máscara da boa educação e dos bons costumes.

Gostaríamos de apresentar ao leitor qual a similaridade entre este cenário do século XIX descrito por Machado de Assis e o cenário atual, em particular com relação às características do personagem Candinho, pensando em sua posição social de classe média, bastante fragilizada e ameaçada. Sem contar do que foi capaz de fazer para preservar suas aspirações pequeno-burguesas, pagando suas dívidas, resgatando o filho, e garantindo uma vida digna, com o dinheiro do resgate da escrava fugida, e até, quem sabe, ascender socialmente, nem que para isso acabasse por perder boa parte de sua própria humanidade.

Se nos atentarmos para as características da população que acampou junto aos quartéis clamando por uma intervenção militar ao longo de todo o ano de 2022, ano das eleições majoritárias em que renovaríamos o

Senado, a Câmara dos Deputados e a Presidência da República, teremos em mãos um cenário muito semelhante ao descrito nesse conto. Basta observar a composição social desse segmento que se diz de direita e que tanto se parece com esse personagem machadiano.

Os bastidores do cenário do 08/01/2023

Convido o leitor a conhecer, portanto, quem eram aqueles indivíduos que tomaram de assalto, ou melhor, vandalizaram os prédios da Praça dos Três Poderes em Brasília, no fatídico dia 08/01/2023, para em seguida delinear o que seria o imaginário daqueles indivíduos, ou mesmo de seus financiadores e/ou instigadores, cujas ideias não devem ser tão diferentes dos primeiros.

Depois de realizar uma bela cerimônia de posse, no dia 01/01/2023, a despeito da indelicadeza do ex-presidente, que se recusou a passar a faixa presidencial, o governo eleito pensou que poderia relaxar os ânimos perante os ataques e ameaças da extrema-direita. Entretanto, Lula viu-se surpreendido pela tentativa de golpe no fatídico dia 8 de janeiro de 2023. Entre os que o ameaçavam, de morte, inclusive, encontravam-se funcionários civis e militares responsáveis, em princípio, pela segurança do Estado brasileiro, o Gabinete de Segurança Institucional (GSI).

Como bem salientam os historiadores Silva e Schurster (2023), que analisaram os diversos ângulos dessa tentativa de golpe, o Decreto Geral de Anistia aprovado em 1979 deixou intacto o núcleo duro das Forças Armadas, que, inconformado com o retorno da democracia e com a derrota de seu representante, Jair Bolsonaro, teria dado guarida à tentativa de golpe de 08/01/2023².

A novidade após as eleições presidenciais foi a formação de acampamentos, que deram sustentação ao “golpe”, antes e durante o atentado do dia 08/01. Esses agrupamentos se espalharam em frente aos quartéis militares em diversas regiões do país, que reivindicavam um golpe de Estado, dada a não aceitação dos resultados das urnas eletrônicas, cuja idoneidade foi posta em dúvida por Bolsonaro durante todo o processo eleitoral de 2022. Questão que foi amplamente denunciada pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPMI) do 08/01, apresentada 17/10/2023. Qual era a composição social dessas massas acampadas?

Essas massas contavam com forte presença de militares da ativa e da reserva, de bombeiros, policiais e guardas penitenciários, que foram agraciados com vantagens salariais e outros benefícios, os mais variados. E, claro, que defendiam a brutalidade policial contra pobres,

² Questão que parece se confirmar perante as últimas notícias envolvendo militares de alta patente, muito próximos do ex-presidente, como o seu candidato a vice-presidente, General Braga Netto, o principal mentor de uma trama que pressupunha inclusive o assassinato do presidente eleito Lula Inácio da Silva e o vice-presidente Geraldo Alckmin, além do então presidente do STF e da STE, Alexandre de Moraes (*Agência Brasil*, 19/11/2024).

negros e pardos. Além destes, havia grupos fortemente armados, os CACs, grupo de colecionadores, atiradores e caçadores, a quem foi dado amplo acesso às armas.

Bolsonaro mobilizou, ainda, uma massa de civis, das camadas média e baixa, urbanas, das regiões sul e sudeste (de maioria branca) e centro-oeste, envolvendo desde o agronegócio e frigoríficos, que financiaram esses atos, até pequenos proprietários, lojistas e produtores rurais. Além destes, também contou com o apoio de caminhoneiros e taxistas que se viram beneficiados pela política de subsídios dos combustíveis. E, claro, o mercado financeiro que invariavelmente ameaçava os incautos, criando pânico diante de uma possível vitória de Lula.

Havia ainda a presença de todos aqueles que se viram beneficiados pela devastação da Amazônia, como os garimpeiros e madeireiros ilegais, além de outros convertidos em “fazendeiros” para criação de gado. Sem esquecer que nesta região, também se alastrou a pesca ilegal, formando grupos chefiados, muitas vezes, pelo crime organizado³.

Havia ainda funcionários públicos que ecoavam as ideias daqueles que passaram a adotar o discurso “politicamente incorreto”, sem disfarces, cujo teor autoritário e preconceituoso de agir e de pensar ainda é possível encontrar nas repartições públicas, nas unidades escolares e até mesmo nas universidades públicas, cujo ideário muitas vezes foi progressista. Por fim, houve uma predominância de idosos, que, amedrontados pela violência e insegurança pública, encontraram nesses acampamentos um local de socialização, saindo de seu isolamento e anonimato.

Era esta a composição social daquela massa de pessoas, muitas delas situadas fora do circuito formal do mercado de trabalho, oriundas das classes média e baixa, que desejavam ascender socialmente e não se conformavam com uma política de equidade social e de mera contenção da miséria, pois se identificavam com o ideário da pequena burguesia, de tornar-se Outro, convertendo-se em outro de si, como condição de entrada no campo da cultura almejada, como bem salientara Reich (1974) e Adorno (1969).

Reich, em *Psicologia das massas do fascismo* (1933/1974), ressaltou que a questão que estava em jogo na adesão ao nazismo não era o pertencimento de classe, mas a identificação com o ideário da pequena burguesia, ou melhor, daqueles que aspiravam ascender socialmente e se identificavam com a ideologia do patrão, vestindo a camisa da empresa, do estado ou da nação.

Ou seja, trata-se, por um lado, de uma configuração psicossocial das massas que apresenta forte propensão a aderir ao líder autoritário, assim como o fizeram ao longo de toda a sua vida, no âmbito familiar,

³ Responsáveis pelo assassinato do jornalista britânico Dom Philips e do indigenista Bruno Pereira, no extremo oeste da Amazônia em junho de 2022, no Vale do Javari, onde pretendiam entrevistar os indígenas e população ribeirinha para escrever um livro sobre a Amazônia.

na escolar e no trabalho. E, por outro, do ponto de vista do líder, cujo caráter compulsivo explica em grande parte o prazer sádico da opressão e o emprego reiterado do *discurso escatológico*, que está presente tanto nas declarações de Bolsonaro quanto de seu guru, Olavo de Carvalho. De onde se depreende um duplo prazer: ser obedecido e obedecer a seu chefe.

De acordo com Adorno (1959/1969), essa estrutura masoquista edipiana, quando associada ao componente narcísico, pode se converter em uma das configurações mais fascistas da síndrome autoritária – o tipo manipulador. Neste caso, as tendências acima apontadas são mais acentuadas, cujo pensamento é caracterizado, segundo o autor, por estereotipia extremada, falta absoluta de investimento de objeto e de vínculos afetivos. É preciso ver que *tendências sádicas, combinadas ao narcisismo e associadas à falta de riqueza espiritual e à incapacidade de desenvolver sentimentos em profundidade*, combinam-se perfeitamente com a paranoíta, sobretudo, quando aliadas ao exercício do poder.

Para além da composição social e da identificação com o líder, é preciso se atentar para a dimensão simbólica do exercício do poder e de liderança na contemporaneidade.

A obscenidade a serviço do poder

Quando o muro separa, uma ponte une
Se a vingança encara, o remorso pune
Você vem me agarra, alguém vem me solta
Você vai na marra, ela um dia volta
E se a força é tua, ela um dia é nossa
Olha o muro, olha a ponte, olhe o dia de ontem chegando
Que medo você tem de nós, olha aí...

(PESADELO de Paulo Sérgio Pinheiro e Renato Tapajós)

A epígrafe acima se refere a uma letra de resistência cantada por diversos músicos como forma de se oporem à força bruta da ditadura militar que se abateu sobre todos que ousaram se opor ao regime. Menciona o medo que fez os militares agirem com tamanha violência e a estender seu poder por mais de 20 anos (de 1964 a 1985). No entanto, a autocracia ressurge e ganha novos contornos.

Zizek (2020) esclarece-nos, no artigo *Poder, aparência e obscenidade – cinco reflexões*, que o espaço público obsceno mudou a relação que se tinha com a aparência: “Não é que as aparências não possuam mais importância

quando a obscenidade reina diretamente; é que, na verdade, espalhar boatos obscenos e agir de forma obscena sustenta, paradoxalmente, as aparências de poder” (Zizek, 2020, s/p).

Recorrendo basicamente ao exemplo de Trump, Zizek (2020) sustenta que a obscenidade do presidente, recentemente reeleito, deve aparecer como máscara de sua dignidade. É a total inversão dos fatos. Segundo Empoli (2018), estamos vivendo em um tempo em que, com suas inversões e distorções, os loucos viram detentores da verdade e a realidade se torna indiscernível da fantasia.

De acordo com Zizek, a castração é virada de ponta-cabeça. Porque a castração simbólica, para Freud – nos Três ensaios (1920, 3^a edição, 1962); no caso do pequeno Hans (1910/1992); *Totem e Tabu* (1913/1998); e mesmo nos polêmicos ensaios sobre a sexualidade feminina (1931/1992), dentre outros –, seria a condição de internalização da Lei e, para Lacan (no *Seminário, livro 4: sobre a relação de objeto*, em 1959/1995), a condição de separação entre o eu e a realidade social, que é precedida pela incapacidade de obter do Outro garantias do gozo. Com isso, advém a entrada do sujeito no campo da cultura e do acesso ao simbólico. No caso do rei, acrescenta Zizek, ele ocupa essa posição porque lhe é conferido um mandato simbólico. Já no caso do “mestre obsceno”, ele pode fazer qualquer coisa, em uma “vulgaridade aviltante”, que nada disso abalará seus atos na vida pública. Isso até lhe permite agir com a maior brutalidade. Ou seja, “é como se, ao assumir abertamente a ‘castração’ da imagem pública (renunciando à insígnia da dignidade) possibilitasse a forma completa ‘não-castrada’ de exibição do verdadeiro poder político” (Zizek, 2020, s/p).

Percebo, no caso da política brasileira dos últimos tempos, uma variedade de manifestações dessa obscenidade do poder, evidenciada, por exemplo, quando alguns episódios “cotidianos” de violência policial são acompanhados de comentários das autoridades que primam pela banalidade do mal, como pudemos observar na fala sarcástica e desdenhosa de um policial militar catapultado à posição de secretário de segurança do estado de São Paulo. Em referência à trágica morte de um menino de quatro anos e de um adolescente durante uma ação policial desastrosa em Santos, no dia 7 de novembro de 2024, o secretário, ao responder ao questionamento da Deputada Paula Nunes (PSOL) sobre a conduta policial, comentou que ela era movida por “vitimismo barato”. Essa fala infeliz me remeteu à atualidade da frase final, mencionada a propósito do final do conto *Pai contra mãe*: “Nem todas as crianças vingam, bate-lhe o coração”.

Há que se atentar ainda a outro aspecto fundamental que parece estar em jogo nos discursos e ações do líder com traços fascistas: a utilização perversa do espaço de pudor, em que se rompe o véu, ou a tela protetora/fronteriça do espaço privado, que é atuado fora, na esfera pública, na qual

o líder expõe seus próprios desejos inconfessos para depositá-los, em seguida, no outro, tornado outro, ou seja, objeto coisa.

Lacan (1959/1995), ao discorrer sobre o objeto fetiche, em que o desejo emerge como perverso, sustenta algumas ideias que vêm a propósito do tema tratado nesse ensaio. Pensando no véu como “captura imaginária e lugar do desejo” e no fetiche como o momento de fixação do elemento simbólico projetado no véu, no caso do travestismo, ele sustenta que as roupas servem não apenas para esconder o objeto, mas a falta do objeto, ou mais especificamente do Falo. Estendendo algumas dessas hipóteses sobre esse duplo sentido do véu na perversão a um fenômeno social, penso nas máscaras – seja a máscara de Flandres, seja a máscara da falsa dignidade ou como sugere Zizek, de seu avesso, como a versão não castrada do poder sustentada pela farda – levanto a seguinte hipótese: a crueza da máscara de Flandres, ou mesmo a hipocrisia do moralismo das elites não estariam sendo revestidas de uma nova máscara? A máscara do real não castrado do poder que expõe os desejos mais perversos do neoliberalismo⁴ do lado de cá dos trópicos?

Esse padrão de comportamento pode ser observado nas falas de teor obsceno de Bolsonaro, que, como estratégia para desqualificar ideias contrárias às suas, recorria a insultos de conteúdo sexual. Um exemplo foi o ataque à deputada Maria do Rosário, que se opunha à redução da maioridade penal; na ocasião, Bolsonaro afirmou que ela “não merecia sequer ser estuprada”, uma declaração que resultou em um processo junto à Suprema Corte (STF). Além disso, Bolsonaro seguia os ensinamentos chulos de seu mentor Olavo de Carvalho, que incentivava os seus seguidores a humilhar e insultar jornalistas para deslegitimar a imprensa, referindo-se a eles de forma ofensiva e pejorativa, os quais, segundo ele, deveriam ser “tratados como cachorros”. E às jornalistas mulheres era reservado o uso de termos vulgares e misóginos, chamando-as de putas, safadas etc.

Ou seja, esvazia-se o conteúdo político da pauta defendida pelos adversários e pratica-se o que Adorno (1985; 1943/1975) chamou de “psicanálise às avessas”, cujo método consiste em atingir o âmbito pessoal e psicológico mais profundo, procurando vulnerabilizar o sujeito e, desse modo, furtando-se a tratar do que realmente interessa ao debate público.

Houve ainda um episódio importante de mobilização da bancada evangélica, à qual se aliou Bolsonaro, contrário à aprovação do Projeto de Lei (PL)122 em 2006, que criminalizava a homofobia. Ele disse o seguinte, nessa ocasião: “Não é porque o sujeito faz sexo com o seu aparelho excretor que ele tem que ter uma atenção especial”. Cabe observar que daí por diante passou a ser chamado a dar entrevistas pela

⁴ Responsável pelo incremento das privatizações e desregulamentação das garantias trabalhistas, instrumentalizando as crises[econômicas] de modo a reforçar seu dispositivo de poder (Andrade, 2019).

grande mídia, mesmo havendo aprovado, como deputado, apenas três projetos em 28 anos, o que demonstra a conivência da grande mídia com ideias preconceituosas como esta.

Enfim há um gozo de “sair de cena” no cenário público (anteriormente contido, pautado pelos bons costumes) e virá-lo do avesso, pondo a nu a proliferação de ideias escatológicas e obscuras, usualmente recusadas pelo “homem de bem”, que são depositadas no outro, o não idêntico, mas que enunciam os desejos mais íntimos anal-sádicos, muito comuns entre aqueles que se dispõem a fazer o trabalho sujo dos regimes autocráticos, como bem salientara Adorno em seus estudos sobre a Personalidade Autoritária (1950/1969). Não surpreende, nesse sentido, a exaltação do Coronel Ustra, condenado pelos crimes de sequestro e tortura na década de 70, feita por Bolsonaro no plenário da Câmara, em 2016, ao votar pelo impeachment da presidente Dilma Rousseff. Disse ele na ocasião: “Pela memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff”. Demonstrando claramente a que veio seu comentário, sem deixar de evidenciar o gozo sádico que o acompanhava.

Mas o pior estava por vir. Não tínhamos ideia até que ponto iria esse gozo e a gana pelo poder, quando descobrimos recentemente que, além do plano de golpe de Estado, também havia intenções de envenenar o presidente e o vice-presidente eleitos, além de sequestrar um magistrado do Supremo.

Nesse sentido, do ponto de vista político, há que se reconhecer o acerto da hipótese levantada por Zizek (2020): de que ao assumir a castração da imagem pública implícita, permite-se a exibição e aceitação pelo grande público do “verdadeiro poder político” do sem caráter ou ética alguma. E o véu cai, é desvestido de seus últimos vestígios. Trata-se, portanto, de uma castração que se faz por meio da utilização perversa da ruptura do espaço de pudor, em sua dimensão sexual e violentamente hostil, na esfera pública, daí sua obscenidade. Talvez estejamos, nesse sentido, diante da configuração do poder político autocrata dos novos tempos.

Uma interpretação que ecoa e atualiza as ideias de Elias Canetti (2019), que, nos anos 1930, ficara assustado com a crescente adesão das massas populares às organizações nazistas, na Alemanha e na Áustria, identificando uma relação íntima entre paranoia e poder, além de apontar a interpenetração de conteúdos religiosos e políticos, muito presentes em regimes totalitários: em que o “salvador do mundo e o seu senhor são uma só e mesma pessoa”. Uma preocupação da qual partilhavam os pesquisadores da Personalidade Autoritária (Adorno et al, 1950/1969), mesmo com a derrota do nazi-fascismo na Europa.

Esses traços podem ser evidenciados nos discursos entrecortados do ex-presidente, repleto de *slogans* e frases feitas de efeito moral, pautados

pela mais completa incapacidade de empatia com as pessoas menos favorecidas de nosso país. Como é de conhecimento público, seu governo deu início a um verdadeiro desmonte de nossas instituições ligadas à ciência, à educação e à cultura e, quando se viu acuado por uma possível derrota nas eleições presidenciais, convocou as massas para o assalto ao poder como o fez no dia 07/09/2021, dia de comemoração da independência do país.

Novos líderes da direita ressurgindo no cenário político brasileiro

Mais recentemente, deparamo-nos com o fenômeno Marçal em São Paulo, que trouxe novas características à autodenominada direita, que acabou atraindo um grande número de jovens, muitos deles apartados das oportunidades do mercado, que aderiram ao discurso do empreendedorismo, do fazer-se por si mesmos.

A direita em São Paulo correu o risco de ser superada pelo fenômeno Marçal, que se apresentou como *coach* para a juventude das classes média e baixa, para quem prometia um lugar ao sol. Ele por pouco não alcançou o segundo turno na eleição para a prefeitura de São Paulo, impulsionado por um discurso centrado na autonomia, no empreendedorismo e na autossuficiência. Seu apelo não despertava mais a submissão tradicional, mas sim o fascínio por uma sujeição voluntária às promessas de libertação das amarras do sistema, visto como um obstáculo à ascensão social. No segundo turno, os campos da direita e esquerda disputaram essa parcela expressiva da juventude paulista, oferecendo-lhe diferentes visões para alcançar o tão almejado espaço em uma sociedade marcada pela desigualdade.

Mas essa estratégia do “lobo solitário” não é novidade. Entre os anos 1930 e 1940, muitos estudos foram feitos sobre os discursos e panfletos produzidos por agitadores fascistas nos Estados Unidos (Adorno, 1943/1975; Löwenthal, 1948/1987), que se apresentavam como o “lobo solitário” e que se fizeram sozinhos, sem patrocinadores, explorando a desconfiança no político profissional e no sistema, democrático, evidentemente.

Assim como nos panfletos e discursos dos agitadores norte-americanos dos anos 1940, analisados por Adorno e Löenthal, presenciamos algo semelhante no cenário político das últimas eleições municipais, especialmente em São Paulo. Nesse contexto, não importavam a formação profissional, o perfil político, a erudição ou o conhecimento sobre os problemas urgentes da cidade que qualificassem alguém para ser eleito para a prefeitura da maior cidade da América Latina. O que prevaleceu foi a habilidade de superar o adversário, mesmo que isso implicasse a mais com-

pleta falta de respeito por ele. Pior ainda, os fatos eram frequentemente distorcidos, esvaziando o debate político de qualquer substância. A violência simbólica se manifestava na exploração obscena de aspectos dolorosos da vida privada dos oponentes para atrair atenção e, possivelmente, votos.

Essa nova onda conservadora tomou o debate político em São Paulo e acredito que, em diversas partes do Brasil, fora substituído por ataques à esquerda, ao comunismo, assumindo de modo disfarçado ou declarado uma posição de direita, sustentada pela pauta dos “costumes”, com bandeiras conservadoras e até mesmo fascistas, como a eliminação da vida de todos aqueles que aparentemente dificultassem a manutenção da ordem e que forem uma ameaça para os anseios de ascensão dos “Candinhos” de hoje. Nem que para isso, seja preciso acabar com os pobres, moradores de rua, negros, indígenas e a comunidade LGBTQI+, entre outros.

Mas quem são esses jovens capturados pela direita empreendedora?

Não seria aquela mesma juventude que, em 2013, aderiu ao MOVIMENTO BRASIL LIVRE – MBL, sobrepondo-se ao MOVIMENTO DO PASSE LIVRE? É preciso observar que, nesse período, vivíamos um momento em que o país fora palco de mudanças institucionais que deram espaço para a legitimação de estratégias de enfrentamento de heranças coloniais enraizadas no seio da sociedade. Tivemos muitos avanços institucionais e na formulação de leis afirmativas e antirracistas, no entanto, esses avanços no campo jurídico e institucional têm incomodado as forças conservadoras e as classes médias, em particular, que passaram a crer em uma realidade paralela para justificar suas motivações inconscientes.

É possível desbarbarizar os incautos?

Como fazer para reverter a consciência dessas pessoas que vivem uma realidade paralela? Que subitamente deixam de se sentir constrangidas ao declarar publicamente que “são de direita mesmo, que defendem uma educação militar, porque pobre e negro devem saber o lugar que devem ocupar”, ou seja, de subalternidade, nem que para isso se utilize da força, da coerção e até da humilhação, como testemunhamos em nossas pesquisas em escola pública (Amaral et al., 2021). Quando não de sua eliminação, como defendem muitos governantes que têm dado livre curso à impunidade da letalidade policial, como garantia da lei e da ordem.

As heranças coloniais são estruturais e, em razão disso, são reproduzidas nos discursos midiáticos sob a alegação falaciosa de liberdade de expressão e da confusão entre igualdade e equidade.

Em síntese, para que a barbárie não se repita, é essencial que, desde a

educação/formação infanto-juvenil, sejam trabalhados, nas camadas mais profundas de nosso inconsciente, os preconceitos, estereótipos e discriminações, a fim de não se perpetuarem formas de *consciência coisificada* (Adorno, 2008), ou seja, a percepção do outro como coisa. Mas, ao contrário, como sujeito autônomo, capaz de se responsabilizar por suas próprias atitudes.

E do ponto de vista da psicanálise, é preciso desbarbarizar os indivíduos e massas de indivíduos, fazendo-os entrar em contato com a violência histórica deste país e das Américas que assolou nossos territórios, sobretudo aquela que se reproduziu no seio da família, das escolas e da religiosidade que nos foi incutida e que foi internalizada e reproduzida no cuidado dos filhos, enfim das novas gerações. E o pior, que está sendo amplamente veiculada e multiplicada pela mídia eletrônica.

E, nesse sentido, é imprescindível que toda criança vingue, contrariando a прédica do personagem machadiano, de que “nem todas as crianças vingam”. Ou, como sugere o escritor, que “a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel”. Há que se reverter este triste fim que pesa sobre a história das Américas e sobre o Brasil em particular.



Resumo Partindo de um conto de Machado de Assis, *Pai contra mãe*, buscou-se encontrar em seu enredo e personagens os fundamentos do autoritarismo brasileiro e suas incidências, ao longo da história brasileira, na personalidade do sujeito e em seu ideário político e ideológico, que tem pautado os comportamentos antidemocráticos da direita no país. Apresentamos, a seguir, a composição social da massa de indivíduos que tomou de assalto a Praça dos Três Poderes, no dia 08/01/2023, procurando estabelecer analogias entre a trama machadiana do final do século XIX e as características atuais da ultradireita no país. Inspirando-nos nos *Estudos sobre a personalidade autoritária* (Adorno et al., 1969) e em autores que se debruçaram sobre a psicologia das massas fascistas, como Reich (1933/1974) e Canetti (2019), dentre outros, procuramos apontar as raízes do pensamento fascista e etnocêntrico. Recorremos, ainda, a Zizek (2020) para pensar sobre a dimensão simbólica do exercício do poder e de liderança na contemporaneidade. Com base nesses estudiosos e nas contribuições da psicanálise, buscamos as raízes do pensamento autocrático na contemporaneidade e em que medida seria possível desbarbarizar os incautos.

Palavras-chave a obscenidade do poder, personalidade autoritária, comportamento antidemocrático, teoria crítica e psicanálise

The parallel and obscene universe of the self-proclaimed right in Brazil – a reading of Machado de Assis in dialog with critical theory and psychoanalysis

Abstract Starting with a short story by Machado de Assis, “Pai contra Mãe”, we sought to find in its plot and characters the foundations of Brazilian authoritarianism and its impact, throughout Brazilian history, on the personality of the individual and their political and ideological ideology, which has guided the anti-democratic behaviour of right-wingers in the country. We present next the social composition of the mass of individuals who stormed the Praça dos Três Poderes on 08/01/2023, seeking to establish analogies between Machado’s plot from the late 19th century and the current characteristics of the ultra-right in the country. Drawing inspiration from *Studies on the Authoritarian Personality* (Adorno et al, 1969) and authors who have looked into the psychology of fascist masses, such as Reich (1933/1974) and Canetti (2019), among others, we tried to pinpoint the roots of fascist and ethnocentric thinking. We also turned to Zizek (2020) to think about the symbolic dimension of the exercise of power and leadership in contemporary times. Based on these scholars and the contributions of psychoanalysis, we searched for the roots of

autocratic thinking in contemporary times and to what extent it would be possible to de-barbarise the unwary.

Keywords the obscenity of power, authoritarian personality, anti-democratic behaviour, critical theory and psychoanaly

Referências

- Adorno, T. W., & Horkheimer, M. (1985). *Dialética do esclarecimento* (G. A. de Almeida, Trad.). Zahar. (Obra original publicada em 1947)
- Adorno, T. W., Frenkel-Brunswik, E., Levinson, D. J., & Sanford, R. N. (1969). *The authoritarian personality*. Norton. (Obra original publicada em 1950)
- Adorno, T. W. (1975). The psychological techniques of Martin Luther Thomas. In *Soziologische Schriften II*. Surkamp Verlag. (Obra original publicada em 1948)
- Adorno, T. W. (2008). *Educação e emancipação*. Paz e Terra.
- Agência Brasil. (2024, 21 de novembro). Pimenta vê participação do governo Bolsonaro em planejamento de crimes. *Agência Brasil*. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2024-11/pimenta-ve-participacao-do-governo-bolsonaro-em-planejamento-de-crimes>
- Amaral, M. G. T. do, Mello, M. P. de A., & Calado, M. da G. (2024). Authoritarian personality, antidemocratic behavior, and ethnocentrism in Brazil. *Educational Philosophy and Theory*, 56(7), 711-723. <https://doi.org/10.1080/00131857.2024.2320197>
- Amaral, M. G. T. do, et al. (Coord.). (2021). *Docências compartilhadas, formação continuada e a Lei 10.639/03: O papel das culturas urbanas em escolas públicas de diferentes regiões periféricas* (Processo CNPq: 404279/2021-0).
- Andrade, D. P. (2019). Neo-liberalismo: Crise econômica, crise de representatividade democrática e reforço de governamentalidade. *Novos estudos CEBRAP*, 38(01), 109-135.
- Assis, M. de. (2017). Pai contra mãe. In J. Gledson (Org.), *50 contos de Machado de Assis* (pp. 466-475). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1906)
- Canetti, E. (2019). *Massa e poder*. Companhia das Letras.
- Empoli, G. da. (2019). *Engenheiros do caos: O outro lado da notícia* (A. Bloch, Trad.). Autêntica.
- Freud, S. (1962). *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. Gallimard. (Obra original publicada em 1905)
- Freud, S. (1992). Analyse de'une phobie chez um petit garçon de 5 ans (Le petit Hans). In *Cinq psychanalyses* (pp. 93-198). PUF. (Obra original publicada em 1909)

- Freud, S. (1998). *Totem et Tabou*. In *Oeuvres Complètes* (Vol. XI, pp. 189-382). PUF. (Obra original publicada em 1913)
- Freud, S. (1992). Sur la sexualité féminine. In *La vie sexuelle* (pp. 139-155). PUF. (Obra original publicada em 1931)
- Lacan, J. (1995). *O seminário. Livro 4: a relação de objeto* (J.-A. Miller, Org.; D. D. Estrada, Trad.). Zahar. (Obra original publicada em 1959)
- Lowenthal, L. (1987). *False prophets: Studies on authoritarianism*. Transaction Books. (Obra original publicada em 1948)
- Reich, W. (1974). *Psicologia de massas do fascismo* (J. Silva Dias, Trad.). Publicações Escorpião. (Obra original publicada em 1933)
- Silva, F. C. T. da, & Schurster, K. (2023). *Como (não) fazer um golpe de estado no Brasil: Uma história interna do 8 de janeiro de 2023*. Editora da Universidade Federal de Pernambuco.
- Žižek, S. (2020, 16 de outubro). Poder, aparência e obscenidade: Cinco reflexões. *Zero à esquerda*. <https://zeroaesquerda.com.br/index.php/2020/10/16/poder-aparencia-e-obscenidade-cinco-reflexoes-sla-voj-zizek/>

DOI

10.5935/0101-3106.v47n79.06